

Inovação e criatividade, como nas asas de um beija-flor

"Como Chegamos Até Aqui"

Steven Johnson. Tradução: Claudio Carina. 248 págs., R\$ 44,90 (Zahar)

Edson Pinto de Almeida

Para o Valor, de São Paulo

A forma como nomeamos as coisas reflete muito a época. Na passagem do século XX para o XXI, a palavra "invenção" parece ter caído em desuso. Vive-se agora a era da inovação. Novas descobertas são processos inovadores. É bem verdade que as diferenças de significado — ou de compreensão — revelam mudanças tecnológicas e culturais ao longo do tempo. Um dos aspectos culturais que marcam a virada do século são os modismos que passaram a compor o figurino de muitas disciplinas.

Foi assim com a administração — especialmente, com a tecnologia e a inovação. É desse caldo que surgem o que a mídia convencionou chamar de gurus.

acionadas a processos colaborativos, nos quais a sobrevivência do mais apto resulta em algo positivo para todos, e não em um jogo de soma zero. É o que ocorre na evolução de insetos, entre micro-organismos em um banco de corais, no processo de polinização das flores, assim como no Google e na Apple.

A simbiose entre floração das plantas e insetos, segundo Johnson, criou a oportunidade para que os beija-flores desenvolvessem uma forma própria de mecânica de voo para extrair o néctar das plantas. Vem daí a denominação de "efeito beija-flor" que ele dá às correntes de influência nos processos de inovação. Ao contrário do "efeito borboleta", da teoria do caos — em que o bater de asas do inseto na Amazônia provoca um furacão na costa da África — o conceito de Johnson exhibe uma causalidade perceptível e clara nas ocorrências evolutivas.

O americano Steven Johnson é um deles. Seu campo é a tecnologia. Mas, ao contrário de muitos de seus pares, foge do estilo professoral e assume um tom que vai do provocador ao iconoclasta. Em um de seus livros, "Tudo Que É Ruim É Bom Para Você", ele faz a defesa dos videogames e contesta aqueles que dizem que os jogos eletrônicos são prejudiciais. Em "De Onde Vêm as Boas Ideias", diz que o mercado protegido por patentes não é tão eficiente para gerar inovações. Em "Como Chegamos Até Aqui", Johnson está mais contido, e troca o chapéu de nerd pelo de historiador.

Mesmo assim, faz questão de se diferenciar. Inverte os papéis e procura se colocar no lugar das máquinas e não dos humanos, para falar das invenções. Fingindo ser "um robô inteligente", seu objetivo, mais do que explicar como as coisas funcionam, é mostrar como as

Johnson colocou no papel aquilo que faz para a TV. "Como Chegamos Até Aqui" é o mesmo nome da série que apresenta nas redes BBC, britânica, e a rede pública americana PBS, focada em programas educativos. Uma coisa originou a outra. Pelo visto, ele próprio se transformou em beija-flor e vem desenvolvendo habilidades para permanecer sempre em evidência. O livro, de qualquer modo, tem o mérito de ampliar a compreensão do campo da inovação e desmistificar a figura do empreendedor genial e solitário da garagem.

Mesmo Steve Jobs — talvez o maior ícone nesse sentido — não prosperaria se ficasse preso a um escritório ou sala de aula. A criatividade inovadora flui quando experiências e vivências diferentes se entrecruzam e rompem limites desta ou daquela disciplina. Um bom exemplo desse ambiente colaborativo, que o livro

descobertas afetaram o dia a dia das pessoas e influenciaram outras inovações em campos completamente diferentes.

"Inovações geralmente surgem como tentativa de resolver problemas específicos, mas, uma vez que entram em circulação, acabam provocando outras mudanças, que teriam sido difíceis de prever", diz. O sistema de impressão de Gutenberg, por exemplo, fez crescer a demanda de óculos para leitura, que estimulou a evolução das lentes, até se chegar ao microscópio. E por aí vai o livro, em seis áreas temáticas: vidro, frio, som, higiene, tempo e luz.

A visão de Johnson é sempre multidisciplinar e com viés darwinista na análise evolutiva das descobertas. Os trabalhos do autor de "A Origem das Espécies", sempre mencionados, servem para explicar uma das teses preferidas de Johnson, a de que as grandes inovações estão rela-

não menciona, é a empresa de design Ideo, localizada no Vale do Silício. Aquilo que Johnson prega como decorrência da teoria de Darwin aplicada à inovação, os criadores do Ideo há quase uma década colocam em prática e vêm espalhando essa cultura de trabalho e pensamento por meio de cursos on-line. A proposta é criar líderes para o futuro capazes de estabelecer ambientes de trabalho multidisciplinares.

Johnson resume a essência dessa nova cultura inovadora no trecho de discurso que Jobs fez em Stanford. Obrigado a deixar a Apple, ele lançou a Pixar, dos filmes de animação, e criou o computador NeXT. "O peso de ser bem-sucedido — explicou Jobs — foi substituído pela leveza de ser novamente um iniciante, com menos certezas sobre tudo. Isso me libertou para entrar em um dos períodos mais criativos da minha vida."